

## Debra Barone à Luz de Keirsey

João Sérgio Lauand<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo analisa, a partir dos tipos psicológicos de David Keirsey (combinações dos fatores: I/E, S/N, T/F, J/P), alguns aspectos do temperamento da personagem ESTJ Debra Barone da série televisiva “*Everybody Loves Raymond*”. Apresenta e discute aspectos do comportamento no dia a dia, em situações concretas da vida. A tipologia de Keirsey mostra-se uma ferramenta útil para a Psicologia, com fecundas aplicações para a educação.

**Palavras Chave:** David Keirsey. Tipos de Temperamento. *Everybody Loves Raymond*.

**Abstract:** This study analyzes, from the psychological types of David Keirsey (combinations of factors: I/E, S/N, T/F, J/P), some temperament aspects of the ESTJ character Debra Barone of the TV series “*Everybody Loves Raymond*”. And shows a sample of how she behaves in everyday life, in concrete situations of life. Keirsey’s types prove to be a useful tool for Psychology with fruitful applications in education.

**Keywords:** David Keirsey. Temperament Types. *Everybody Loves Raymond*.

### Introdução<sup>2</sup>

Com base na tipologia estabelecida pelo psicólogo americano David Keirsey, analisamos, em outros estudos, três<sup>3</sup> dos principais personagens da renomada série televisiva “*Everybody Loves Raymond*” (abrev.: ELR), *sitcom* que se caracteriza pelo bem-humorado realismo com que contempla a vida quotidiana dos personagens, pessoas comuns nas quais o espectador pode visualizar seu próprio círculo de parentes e conhecidos.

Claro que se trata do realismo da tipificação, da simpática e sutil caricatura (afinal, o *character* tem que ser caracterizado, característico). Cada personagem traz concentradamente seu modo de ser que, no convívio com os outros membros da família, produz situações cômicas por serem literalmente familiares ao espectador. Sem estridências, com o exagero “na dose certa”.

Os quatro grandes tipos de temperamento estabelecidos por Keirsey (especialmente os tipos SJ e SP, que cobrem cerca de 80% da população) são muito adequados para a compreensão dos personagens principais da série: os dois maridos SP (que analisamos em artigos anteriores): Raymond (abreviaremos por R) e Frank Barone (abrev.: F), e as esposas SJ, Marie (M) e Debra (D, objeto deste estudo, interpretada por Patricia Heaton), casada com Raymond.

---

<sup>1</sup>. Doutor em Teologia (PUSC-Roma). Professor da Escola Dominicana de Teologia.

<sup>2</sup>. Por se tratar do mesmo referencial teórico e da mesma série televisiva, neste tópico recolho alguns parágrafos que escrevi para uma outra “Introdução”: a do artigo dedicado a outro personagem da família Barone: “David Keirsey e a TV – o caso de Raymond” (<http://www.hottopos.com/isle5/93JSLau.pdf>).

<sup>3</sup>. Publicados em artigos da revista *International Studies on Law and Education*, Nos. 5 e 6 (2010) e *Notandum* No. 23, “David Keirsey e a TV – o caso de Raymond”; “Keirsey e a TV – o caso de Frank” e “David Keirsey e a SJ Marie Barone” respectivamente em: <http://www.hottopos.com/isle5/93JSLau.pdf>; <http://www.hottopos.com/isle6/8JSLau.pdf> e <http://www.hottopos.com/notand23/index.htm>

Como veremos, além dos quatro temperamentos, Keirsey propõe também dezesseis tipos, mais detalhados, dentre os quais destacaremos o EStJ, tipo de Debra.

Este estudo será feito a partir dos tipos psicológicos de David Keirsey, visando identificar, em situações de comportamento cotidiano, como age um (determinado) SJ em situações concretas da vida. A tipologia de Keirsey é ferramenta útil para a psicologia e para a antropologia com fecundas aplicações para a educação.



Os personagens adultos: Frank e Robert Marie, Raymond e Debra (acesso em 29-09-10)  
(<http://blogs.tvland.com/prime/category/everybody-loves-raymond/>)

Conste desde já a advertência: o tipo de temperamento, mesmo que se dê de modo acentuado, não esgota a realidade do indivíduo; poderíamos compará-lo à mútua atração dos sexos: é um dado real e importante, mas não determina ou explica a totalidade da conduta de uma pessoa.

Os personagens que convivem com Raymond (o ESFP que dá nome à série), são seus pais Frank (ISTP) e Marie (ESFJ); e Debra (ESTJ), sua esposa (além de Robert, irmão mais velho e solteiro de Raymond, policial em Nova York; a filha mais velha Ally e os gêmeos Michael e Geoffrey). Trata-se, portanto, de dois casais SJ-SP, o tipo mais comum de casamentos que ocorrem na realidade.

Para além das características individuais - advindas de educação, gênero, etnia (os Barone são ítalo-americanos), classe social, geração (na série, convivem três gerações), religião, grau de instrução etc. -, este estudo centra-se num caso concreto SJ e, mais especificamente, ESTJ.

Recordemos em seus grandes traços a teoria dos tipos psicológicos de Keirsey.

Após muitos anos de pesquisa, em 1978 Keirsey lança *Please Understand Me*<sup>4</sup> (abreviaremos por: PUM1), seu livro fundamental, no qual apresenta os 4 temperamentos: SJ (o guardião), SP (o artesão), NF (o idealista) e NT (o racional). Esses tipos se desdobram em outros 16 (sub-)tipos psicológicos.

Esse livro causou um profundo e duradouro impacto em todo o mundo e, traduzido em diversas línguas, já vendeu mais de 2 milhões de cópias. Em 1998,

---

<sup>4</sup>. Keirsey, David & Bates, Marilyn *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar, Prometheus Nemesys, 1984.

Keirsey publica *Please Understand Me II*<sup>5</sup> (abrev.: PUM2), revendo, ampliando e aprofundando os temas do vol. I, e também este vol. II já atingiu os 2 milhões de vendas<sup>6</sup>.

A teoria de Keirsey é uma retomada - a partir dos *Tipos Psicológicos* de Jung e das pesquisas de Isabel Myers (co-autora de *PUMI*) - da doutrina dos 4 temperamentos da antiga Grécia. Embora Keirsey se esforce por traçar paralelos com Hipócrates e Platão, há substanciais diferenças. Seja como for, o site oficial de Keirsey define:

Temperamento é uma *configuração* de traços observáveis da personalidade, tais como os hábitos de comunicação, padrões de ação, e conjuntos de características, atitudes, valores e talentos. Engloba também necessidades pessoais, os modos de contribuição dos indivíduos no trabalho e os papéis que desempenham na sociedade<sup>7</sup>.

Keirsey baseia-se nas funções e disposições descritas por Jung (daí também a estranheza que a terminologia pode causar ao leitor leigo, que, inadvertido, facilmente pode ser levado a equívoco). Assim, considera os pares opostos de preferências: I/E (Introversão/ Extroversão); S/N (*Sensible* / iNtuição); T/F (*Thinking* / *Feeling*) e J/P (Julgamento / Percepção).

Numa comparação, o temperamento será basicamente uma “molécula”, uma composição união de dois “átomos” dessas preferências básicas. Para Keirsey, os temperamentos se configuram como quatro possíveis combinações, aliás assimétricas.

Começa-se indagando se a pessoa tem uma preferência S ou N (*Sensible* ou iNtuição): S é a preferência por fatos, o realismo dos fatos, “pé no chão”, sem contemplos, sem devaneios: achar que os fatos falam por si. Para compreendermos o N - em contraste com o S -, recorramos a M. L. Ramos da Silva:

Enquanto a pessoa realista e sensata (S) é geralmente prática, não tolera falta de bom senso e é cuidadosa na observação dos detalhes, a pessoa intuitiva é geralmente inovativa, utiliza metáforas, imagens vívidas, convive com devaneios e desfruta a fantasia e a ficção. A pessoa que se caracteriza pela sensatez, acredita nos fatos, lembra-se deles, aprende com a experiência e, quando conversa e interage com outras pessoas, está basicamente interessada em suas experiências, em suas histórias de vida. Para a pessoa intuitiva, que Keirsey/Bates denominam com a letra N (2ª. letra da palavra intuição) para não confundir com a letra I, de introversão, o possível está sempre diante dela, excitando-a e atraindo sua imaginação, pois, para ela, a vida é repleta de possibilidades. (...) Para a pessoa realista, o intuitivo se configura como uma pessoa inconstante, "voadora". A pessoa S configura-se para o intuitivo como exasperantemente lenta em perceber as possibilidades do amanhã, muito "pés no chão"(...) Finalmente, enquanto a pessoa realista valoriza a experiência, a sabedoria do passado e é essencialmente prática, a pessoa intuitiva, valoriza a intuição, a visão de futuro, é mais especulativa e voltada para a inspiração do momento (...) as palavras-

---

<sup>5</sup> Keirsey, David *Please Understand me II*, Del Mar, Prometheus Nemesis, 1988.

<sup>6</sup> Os dados procedem do site oficial de Keirsey: <http://www.keirsey.com>.

<sup>7</sup> [www.keirsey.com/handler.aspx?s=keirsey&f=fourtemps&tab=1&c=overview](http://www.keirsey.com/handler.aspx?s=keirsey&f=fourtemps&tab=1&c=overview)

chave que caracterizam a pessoa intuitiva são: possível, fantasia, ficção, imaginação<sup>8</sup>.

Se a preferência for S, o tipo temperamental se complementa com a união com um dos dois átomos da oposição P/J. Assim, temos já dois dos quatro possíveis temperamentos: SP e SJ. P é a preferência por situações abertas, por agir sem procedimentos padrão, rotinas, esquemas e prazos; já a preferência J é pelos procedimentos bem-ordenados, com normas estabelecidas, prazos etc.

Se o temperamento SP move-se pela ação, pela ação impulsiva; pela busca do prazer, do lúdico; o SJ valoriza mais os padrões estabelecidos, o *belonging*, o tradicional, sem surpresas ou improvisações. Ou em um artigo mais recente de Ramos da Silva:

Em função das reações que o caracterizam, o tipo SP (realista perceptivo) necessita de ação e liberdade, repudiando planos e objetivos a longo prazo. Indiferente a hierarquias baseadas em títulos e regulamentos rígidos, é o mais fraternal de todos os tipos e o mais apto a resolver situações de crise. O tipo SJ (realista judicativo), ao contrário, não gosta de improvisações e adapta-se com facilidade aos regulamentos, às regras e aos diversos modos de trabalho nas organizações, respeitando sempre as hierarquias. Por essa razão, o dever e a responsabilidade em relação a tudo que lhe diz respeito representam suas características pessoais marcantes<sup>9</sup>.

Se a preferência for N, a complementação – como dizíamos assimétrica – dar-se-á com algum dos “átomos” do par F/T, respectivamente, a preferência pela abordagem pessoal (F de *Feeling*) e sensível em oposição à abordagem fria e “objetiva” (T de *Thinking*). No artigo citado, Ramos da Silva resume os correspondentes temperamentos NT e NF:

O perfil NT (intuitivo racional) orienta-se para a competência, a capacidade e o saber. Aprender é uma preocupação constante, já que é o mais autocrítico de todos os perfis, sentindo compulsão para modificar o ambiente em que atua. O NF (intuitivo sensível), por sua vez, orienta-se essencialmente para a sua auto-realização e a defesa de sua individualidade, integridade e coerência interna, trabalhando mediante uma visão de perfeição interior.”

Combinando cada um dos quatro temperamentos com os dois fatores que não integram seu núcleo, obteremos 16 tipos; dos quais interessa-nos aqui especialmente o ESFJ de Marie.

O próprio Keirsey recorre a personagens ficcionais para exemplificar sua teoria; mas, o faz ocasionalmente, sem aprofundar neste ou naquele personagem. ELR pareceu-nos objeto privilegiado para este estudo: pela própria configuração dos personagens (em geral, nítidos e coerentes tipos keirseyanos); roteiros sugestivos e

---

<sup>8</sup> Silva, Maria de Lourdes Ramos da: *Personalidade e Escolha Profissional – subsídios de Keirsey e Bates para a orientação Vocacional*, São Paulo, EPU, 1992, pp. 39-40.

<sup>9</sup> Silva, Maria de Lourdes Ramos da “O Referencial de Keirsey e Bates como um dos Fundamentos da Ação Docente”, Revista *Mirandum*, São Paulo, CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ do Porto, 2003, N. 14. <http://www.hottopos.com/mirand14/malu.htm>, acesso em 19-03-10.

pela rica variedade de situações vividas pela família nas mais de 80 horas da série, produzida ao longo de 10 anos (1996-2005).

É comum entre roteiristas e diretores de séries e novelas recorrer a teorias da personalidade para criar seus personagens: as 4 protagonistas de *Sex and the City*, por exemplo, correspondem com muita exatidão aos 4 tipos de temperamento de Keirsey: Carrie é a NF; Samantha, a SP; Charlotte, SJ; e Miranda, NT.

No caso de ELR, a tipificação também é nítida: Keirsey oferece como exemplo de ISTP o Gal. Patton e Frank Barone (o ISTP de ELR), ao afirmar que não vai ao cinema há anos, diz que a última vez em que o fez foi para assistir ao filme “Patton” e que só voltará às salas de exibição, quando for lançado um “O filho de Patton”.

## A ESTJ Debra

Um fato relevante para a compreensão da situação de nossa personagem é o de que Raymond e Debra moram na casa em frente da de Marie e Frank (e Robert, embora já com seus trinta e tantos anos, mora com os pais na maior parte dos episódios). As portas não ficam trancadas e os sogros adentram quando bem entendem (e muito frequentemente) a casa de Debra.

A criação de cada personagem foi estudada de modo a criar tensões cômicas na articulação com os demais: Debra, como ESTJ, responsável e ciosa dos deveres próprios e dos demais (sobretudo marido e filhos), é casada com um cônjuge “oposto”: Raymond, o imaturo ESFP, preocupado em viver uma boa vida e fazendo piadas que divirtam e encantem os demais. Se os choques de convívio com o marido dão-se pela complementaridade dos temperamentos; os conflitos com a sogra, pela similaridade: sendo ambas SJ, Marie vai competir com Debra como dona de casa e mãe de família modelo; alfinetá-la continuamente mostrando-se superior na cozinha e no cuidado da casa; etc.

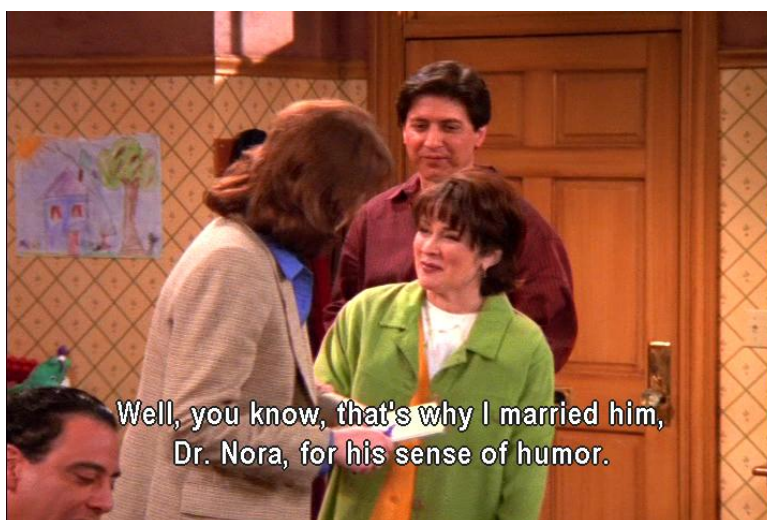
Debra realiza cabalmente o que Keirsey diz dos ESTJ:

Sociable and civic-minded, Supervisors are usually pillars of their community. They are generous with their time and energy, and very often belong to a variety of service clubs, lodges, and associations, supporting them through steady attendance, but also taking a vocal leadership role. Indeed, membership groups of all kinds strongly attract ESTJs, perhaps because membership satisfies in some degree their need to maintain the stability of social institutions (PUM2, p. 105).

Assim, vemos Debra competir com Marie (também SJ) na realização do ritual do dia de “Ação de graças” (1ª. temp., epis. 10), zelando pelas tradições do próprio lar; ao contrário do marido SP, dá extraordinária importância às reuniões de pais na escola (2ª. temp., epis. 2); administra com perfeição as contas da casa (2ª. temp., epis. 16 – neste episódio, o SP Ray é um desastre quando assume as contas da casa por um mês); valoriza extremamente a cerimônia de casamento; participa ativamente das associações da igreja e da escola; etc.

O casal Debra-Ray é de um grande realismo: falando do interesse de casamento da(o) ESTJ (PUM1, p. 77), Keirsey diz que precisamente pelo anseio por preservar o *establishment* familiar e social, pelo gosto pelo equilíbrio e estabilidade, a(o) ESTJ “is attracted to the disestablishmentarian, the ISFP” ou, poderíamos acrescentar, na falta deste tipo raro, seu próximo mais frequente: o ESFP. Em qualquer

caso, um contraponto, uma válvula de escape para a contínua tensão de responsabilidades que o ESTJ acumula. É o caso de Debra e Raymond, que, por sua vez, como ESFP “wants to be settled down by this very stable and responsible person [I(E)STJ]” (PUM1, p. 76).



Claro que esses encantos, com o passar dos anos, tendem a se desvanecer e, ao sabor da rotina, Debra manifesta, especialmente para com as “infantilidades” de Raymond, a impaciência e irritação típica dos ESTJ, ante a negligência dos demais para com seus deveres:

Highly materialistic and concrete, ESTJs believe the table of particulars and the manual of standard operating procedures are what count, not speculation and experimentation, and certainly not fantasy. They keep their feet firmly on the ground and make sure that those under their supervision do the same, whether employee, subordinate, offspring, or spouse for that matter. If others wish to fool around and daydream, fine, as long as they do it on their own time-which means after the job is done. But if they fritter away their time while on duty, they should not be surprised when the Supervisor calls them on the carpet. The top sergeant will not put up with such nonsense (PUM2, p. 105).

Mas no quadro geral da série, o papel de Debra é o de ser a personagem de comportamento normal (e este fato não é alheio a seu temperamento ESTJ, o mais “normal” de todos os tipos), referencial de senso comum em contraste com as esquisitices do cunhado Robert (com seus cacoetes, instabilidades comportamentais e que vive se comparando com Raymond, para quem tudo dá certo e sempre se sai bem, enquanto ele, Robert, só se dá mal em tudo na vida); da sogra Marie (ostensivamente controladora, super-mãe e super-sogra) e do sogro Frank (grosseirão, que passa a vida vendo TV e comendo – sujando-se com a comida – e sem nenhum reparo em ir em cuecas apanhar o jornal na rua).

É o que vemos no primeiro episódio da 6ª. temporada: “The angry family”. Toda a família vai à escola para assistir a uma apresentação de alunos, na qual o pequeno Michael, recém alfabetizado, lê para a plateia de pais e mestres, a historinha que escreveu:



“The Angry Family”

“The daddy was mad at the mommy.

The mommy was mad at the daddy.

[os assistentes olham para os constrangidos Barone]

The mommy and daddy were very mad at the grandpa.

The grandma got mad at everybody.”

**Marie:** I did not!

“The grownups were always very loud. It hurt the kids' ears. The end.”

Em casa, os desolados Barone, conversam sobre o assunto. Marie tenta jogar a culpa em Debra: “Como você o deixou escrever aquilo?”. Debra responde que Eileen deixa as crianças com total liberdade. Raymond, sempre omissivo, pergunta quem é Eileen... e Debra, irritada, responde que é a professora de Michael!

Ante a tenebrosa imagem que o menino tem dos pais e avós, começam as acusações mútuas:



Naturalmente, a professora Eileen chama Ray e Debra no dia seguinte para discutir “o caso”. Ante as esfarrapadas desculpas e disparatadas alegações de Ray e os nervos de Debra, Eileen se convence de que a história escrita por Michael é verdadeira e sugere acompanhamento profissional. É quando Debra explode e desabafa explicando para a professora o que são os Barone:

Eileen...  
you have no idea what I have to put up with.  
When I got married, I didn't just get a husband, I got a whole freak show that set up their tent right across the street.  
And that-that would be fine, if they stayed there.  
But every day, every day they dump a truckload of their insane family dreck into my lap.  
How would you like to sit through two people in their 60s fighting over who invented the lawn?  
The lawn!  
And then the brother...  
[imitando os cacóetes de Robert]  
"I live in an apartment. I don't even have a lawn. Raymond has a lawn."  
But you can't blame him when you see who the mother is. She has this kind of sick hold on the both of them.  
And the father's about as disgusting a creature as God has ever dropped onto this planet.  
So no wonder the kid writes stories!  
I should be writing stories. My life is a Gothic novel, and until you have lived in that house, with all of them in there with you day after day, week after week, year after friggin' year, you are in no position to judge me!

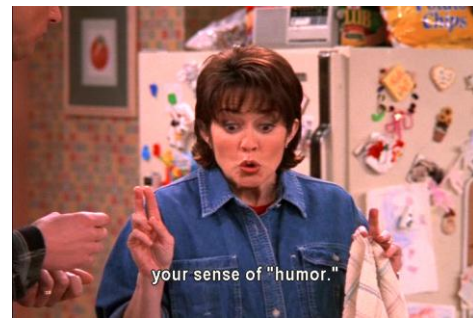
No término do episódio, quando finalmente ouvem Michael, descobrem que a “angry family” não era sua família, mas, na verdade, uma ficção inspirada no desenho animado: “Monster Maniacs”...



A normalidade da ESTJ Debra (pelo menos quando os sogros não a tiram do sério) é mesmo o tema do episódio 21 da 1ª. temporada: “Fascinatin’ Debra”. Debra conversa por telefone com a famosa psiquiatra Dra. Nora Sarasin em seu programa de rádio, expondo-lhe alguns problemas domésticos. Terminado o programa, Debra, eufórica, recebe um telefonema da Dra. Sarasin, marcando uma entrevista com ela, na casa de Debra, para o dia seguinte. Ela está escrevendo um livro sobre a família e vê em Debra a típica dona de casa, espécie em extinção...



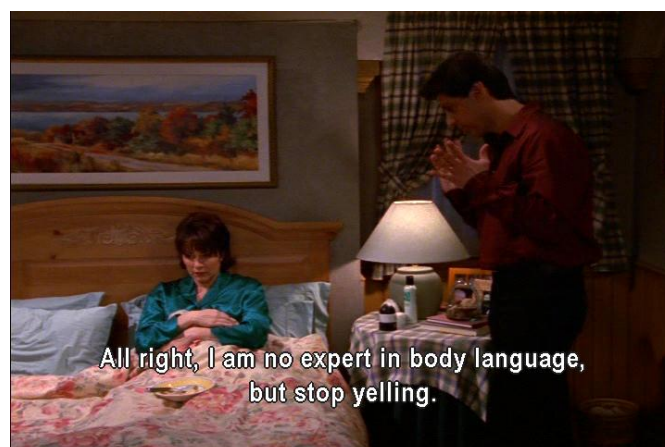
Preparando-se para a vinda da psiquiatra, Debra, afetadamente, esforça-se por passar uma imagem maquiada, “adequada” e “correta” da casa e da família, prevenindo Raymond para que evite, ao menos nesse dia, suas constantes piadinhas.



Mal começada a entrevista, entram na casa (como sempre, sem avisar) os Barone. E a Dra. Sarasin, para desespero de Debra, fica fascinada com as esquisitices deles e esquece-se da normal ESTJ, dedicando toda a atenção a Frank, Marie, Robert e às piadinhas de Raymond...



Debra ofuscada pela “naturalidade” dos Barone, que “roubaram a cena” com a psiquiatra, fica deprimida e inconsolável: ela não é uma pessoa interessante!



**Debra:** Dr. Nora was supposed to be here for me... not your family, and by the end, she didn't even know I was in the room. (...)

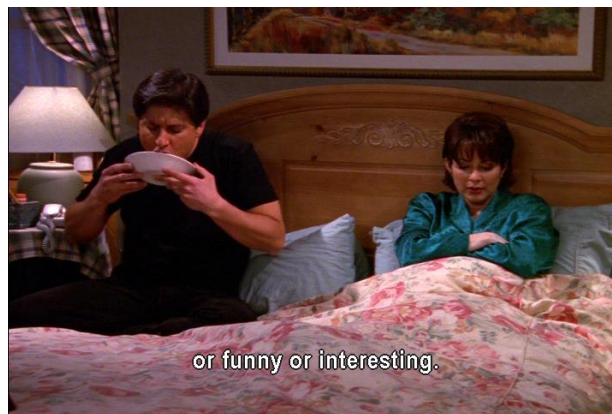
**D:** Dr. Nora thought I was boring.

**Ray:** You're not boring, **you're normal**. That's good. Growing up in my family, I prayed for normal every night. Then I'd fall asleep to the sound of my brother naming his toes. There was Fat Tony, Jimmy the Weasel... Billy Stretch, and Tastes Bad.

**D:** Ray, I was so excited that Dr. Nora was coming here... but there's no way I could follow the dysfunctional family circus.

**R:** You should have went on before them. Maybe if you'd been yourself, Dr. Nora would've been more interested. - What did you go put on a big act for?

**D:** Because I am boring. There's, you know, nothing about me... that's, you know, like, quirky... or funny or interesting. What are you doing?



**R:** There's a little left in there. I'm sorry.

**D:** No. See, that's exactly my problem. I don't do that: lick the bowl! I mean, that's the kind of great weird stuff you freaking guys do all the time.

Naturalmente, há muitos outros aspectos a explorar na personagem ESTJ (como a discussão do papel da mulher na série, a necessidade de segurança, os ciúmes, o modo de lidar com a opinião alheia sobre ela etc.); aqui, detivemo-nos em alguns poucos, sobretudo na normalidade, celebrada (silenciosamente) pelos outros tipos na sentença final de Ray: “Look at all of us. We need a normal one. That's why I married you.”

Recebido para publicação em 02-10-10; aceito em 11-10-10